

Uma experiência de ensino coletivo de violão

Jailton Jorge Araújo
Universidade Estadual de Feira de Santana
jailtonjorge9@gmail.com

Resumo: O presente relato é o resultado de atividades realizadas em formato de oficina no Colégio Estadual Eliana Boaventura (CEEB), localizado em Feira de Santana-Ba, durante o componente curricular Estágio Supervisionado II, do Curso de Licenciatura em Música, da Universidade XXX. O objetivo das atividades foi trabalhar a percepção e o desenvolvimento rítmico dos integrantes com o instrumento violão e canto. Como metodologia foram realizadas atividades de apreciação musical, análise e subdivisão rítmica das musicas, através da construção de arranjos que pudessem contemplar todos os alunos nos seus variados níveis de conhecimento e execução no instrumento, sendo avaliado o desenvolvimento pessoal dos alunos e na prática de conjunto.

Palavras chave: Obrigatoriedade do ensino de música, Ensino coletivo de instrumento, Axé Music.

Introdução

O presente trabalho é um relato de experiência em docência fruto de um curso, em formato de oficina, realizado no Colégio XXX localizado na cidade XXX. Esta oficina foi ministrada Entre os meses de março e maio, como atividade do componente curricular Estágio Supervisionado II, do curso de Licenciatura em Música da Universidade XXX, no semestre letivo de 2015.2.

O colégio funciona no sistema de Educação em Tempo Integral durante o diurno, atuando com o ensino fundamental II, e no noturno, com Tempo Formativo por Eixos. A escolha do Colégio XXX se deu devido ao fato de o autor deste trabalho já ter desenvolvido aulas de violão no local, além do fato de a escola dispor dos recursos necessários para a realização da oficina, como violões, caixas de som e espaço físico, propiciando, assim, um ambiente favorável para a realização das aulas.

O projeto teve como objetivo promover uma oficina em formato de ensino coletivo, focando no desenvolvimento rítmico, harmônico e na execução do instrumento violão e do canto, a partir do gênero Axé Music. O respectivo gênero foi o escolhido, por oferecer uma variedade rítmica que deu suporte para alcançar o resultado almejado, além de também ser um gênero musical de origem baiana, o que valoriza um ensino de música que busca fortalecer a diversidade cultural.

Para o acontecimento das atividades, foram ministradas aulas coletivas de violão para alunos de turmas variadas que tinham em comum o fato de possuírem certa familiaridade e vivência musical com o instrumento. Através desse trabalho, buscou-se ampliar a prática musical dos alunos de tocar em conjunto, desenvolvendo a noção de tempo e de ritmo entre eles, com um repertório voltado para axé music, por meio da apreciação, ensaios e posterior execução das músicas selecionadas – o projeto teve como culminância uma apresentação final, aberta para o público interno do colégio.

Como suporte teórico, foram utilizados autores como Cruvinel (2004), Tourinho (2009), Arroyo (2001), Pontes (2005), que serviram como suporte teórico na construção das aulas, proporcionaram informações que deram subsídios a essa modalidade de ensino musical dentro da educação básica.

O planejamento das aulas foi desenvolvido de acordo com a realidade sociocultural dos alunos. Por se tratar de uma escola da Rede Pública Estadual, o desenvolvimento dessa oficina contemplou alunos que moram em comunidades de bairros periféricos, que se situam no entorno da escola. Essa realidade traz novos desafios para o educador, o qual tem que buscar aproximar a sua prática didático-pedagógico da realidade sociocultural dos alunos. Nesse sentido, a oficina buscou trabalhar de uma maneira mais familiar a eles, valorizando um ensino que valoriza a oralidade (ARROYO, 2001)

Educação musical, estágio (planejamento), ensino coletivo, axé music – discussão teórica.

A Lei Nº 11.769, de 18 de agosto de 2008, que altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação¹. Esta lei é de grande importância para fortalecer o ensino de música no ensino básico e fundamental, por entender que a música pode ser um importante instrumento de desenvolvimento cognitivo e artístico dos alunos. Além disso, valoriza em muito a importância do profissional de música, que tem agora um campo de atuação maior e mais oportunidades de permitir momentos de vivência em música a alunos de redes públicas e municipais, os quais muitas vezes não tinham acesso a esse conhecimento antes da criação da lei. Por outro lado, cria-se um horizonte de acesso a outros estilos de músicas e outras formas do fazer musical oportunizando ao aluno conhecer outros estilos de músicas sem se desprender da bagagem musical que o próprio aluno traz consigo, buscando despertar a sensibilidade musical e o desenvolvimento cognitivo, além de valorizar a diversidade cultural, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) afirmam:

Qualquer proposta de ensino que considere essa diversidade precisa trazer espaço para que o aluno possa trazer música para a sala de aula, acolhendo-a e oferecendo acesso a obras que possam ser significativas para o seu desenvolvimento pessoal e atividades de apreciação e produção. A diversidade permite ao aluno a construção de hipóteses sobre o lugar de cada obra no patrimônio musical da humanidade, aprimorando sua condição de avaliar a qualidade das próprias produções e as dos outros. (BRASIL, 1997, p. 95).

Com o intuito de ampliar a vivência musical dos alunos e realizar um trabalho com foco na diversidade, como sugere o PCN, a oficina teve como repertório o gênero do axé music. Para a escolha do gênero e das músicas a serem trabalhadas, foi feito, no primeiro contato com a turma, um levantamento prévio do conhecimento e da bagagem cultural dos alunos, através de audições e discussões. A escolha das músicas aconteceu em consenso com a turma, de modo que todos pudessem tocar dentro da sua capacidade e sem muita complexidade e assim, todos serem contemplados. As músicas foram, Namoro a dois, da banda Timbalada e Circulou do

¹ “A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2º deste artigo.” (BRASIL, 2008),

cantor Saulo Fernandes. A princípio houve um pouco de resistência por parte dos alunos, mas, logo aceitaram a proposta do trabalho e a partir daí, começamos a trabalhar com as músicas.

Para a prática didático-pedagógica, não foram usados recursos gráficos como, partituras, tablaturas entre outros. O processo de ensino/aprendizagem se deu através da oralidade, da observação, da escuta atenta e da imitação, o que permitiu um entendimento satisfatório das músicas e seus respectivos arranjos.

Arroyo (2001) confirma a oralidade da música popular no processo de ensino aprendizagem concebendo os códigos escritos como não determinantes na prática destes gêneros musicais. Segundo a autora, "a construção do conhecimento relativo às práticas das músicas populares é marcadamente oral. O papel do domínio dos códigos escritos é aceitável, mas não determinante nessa prática." (ARROYO, 2001, p. 65).

A aula de violão coletivo na escola básica é fundamental para o desenvolvimento musical, mas também uma importante ferramenta para socialização dos indivíduos. O ensino coletivo é uma importante ferramenta na democratização do ensino de instrumentos musicais (CRUVINEL, 2004), pelo fato de abranger uma quantidade maior de alunos participantes e em diferentes instrumentos, possibilitando contato direto entre eles e reforçando a vivência em grupo. Além disso, como afirma Tourinho (2009) "o ensino coletivo possibilita o acesso de mais pessoas, com menor custo, maior possibilidade de interação social e aquisição mais rápida de parâmetros musicais". (TOURINHO, 2009, p.)

Foi percebido o interesse de alguns alunos do CEEB em tocar violão e cantar ao se observar o hábito deles em se reunir no pátio da escola no intervalo do almoço, desenvolvendo essa atividade para compensar o tempo ocioso em que ficavam após almoçarem. Portanto, o gosto pela música e pelas rodas de violão ficou muito evidente. Contudo, foi constatada também a dificuldade deles em executar os ritmos das músicas, fator fundamental para a ideia da realização da oficina.

O fato da música baiana ser muito frevística, sentiu-se a necessidade de uma música mais calma, mais tranquila e com isso, em 1985, LUIS CALDAS com a parceria de PAULINHO CAMAFEU, fizeram a música FRICOTE, (Nega do cabelo duro), e quebrou essa barreira de

musica doméstica, desencadeando assim o surgimento de vários outros artistas e bandas como Sara Jane, Cid Guerreiro, banda mel, chiclete com banana, Lazzo, Gerônimo, Margarete Meneses entre muitos outros, por terem em suas musicas, ritmos envolventes, dançantes.

Relato de experiência

A oficina teve duração de 15 horas. As aulas aconteceram nas quintas e sextas feiras das 13:10 as 15:10 hs, sendo que, no término, houve uma pequena apresentação para o público interno, do CEEB, com as músicas trabalhadas.

No primeiro momento, me deparei com a sala que foi disponibilizada para o desenvolvimento das aulas em reforma, retardando assim o inicio da aula. Tive que providenciar alguns recursos como extensão, adaptadores de som, porque na sala não tinha energia, e improvisei uma forma de ter energia elétrica no ambiente, puxando energia de outra sala com uma extensão.

Ao iniciar a aula, foi dito para os alunos qual seria a proposta do projeto e logo após foi feito um levantamento prévio do conhecimento dos alunos e das músicas que mais eles gostavam de ouvir e tocar, com o objetivo de conhecer o universo musical dos alunos e também perceber o nível de desenvolvimento em que cada um se encontrava em tocar o violão.

Foram trabalhadas duas músicas – “namoro a dois”, música do disco “cada cabeça é um mundo”, do cantor Xexéu, ex-vocalista da Banda Timbalada; e a música “circulou”, composta por Saulo Fernandes, Leonardo Reis e Magary Lord. Essas duas músicas puderam ser analisadas, e a partir dai criei os arranjos para serem trabalhados com a turma de violão e de canto e serem ensaiadas durante o decorrer do tempo.

A oficina teve como atividades principais: perceber as características rítmicas do estilo Axé Music, no repertório trabalhado através da apreciação e prática musical; Estimular a compreensão de ritmo e de harmonia no violão, com arranjos que possam abranger todos os níveis de desenvolvimento em que os alunos encontram-se em relação ao instrumento,

juntamente com o canto, a partir do gênero; Montar os arranjos e ensaiar o repertório a ser apresentado na escola.

Para realizar essa atividade, o grupo musical foi dividido em três naipes (primeiro, segundo e terceiro violão), de acordo com a destreza musical de cada aluno: O primeiro violão tocava todos os acordes e fazia o ritmo da música; O segundo violão tocava os acordes, fazendo o ritmo mais simplificado em relação ao primeiro violão; O terceiro violão tocava parte dos acordes iniciais da música, mas sem fazer o ritmo, de acordo com sua capacidade motora. Dessa maneira, respeitando o nível de desenvolvimento de cada aluno, foi possível envolver todos os alunos, nos seus mais variados níveis de desenvolvimento.

Quanto à parte vocal, esta foi executada apenas pelas alunas do sexo feminino, o que causou uma certa dificuldade para o grupo, pois as músicas foram compostas para voz masculina. Para que as músicas ficassem confortáveis para a voz feminina, foi preciso mudar o tom das músicas.

Outra dificuldade foi o fato de que alguns alunos não tinham o hábito de executar a técnica da pestana nos acordes, o que causou um grande problema em relação à disposição do tempo, que era muito curto, e não seria suficiente para que eles adquirissem essa praticidade de execução na mudança dos acordes com pestana. Portanto, para esse grupo, alguns acordes tiveram que ser alterados para que pudessem ser executados sem a pestana.

Os alunos tiveram um pouco de resistência, por ser um estilo de música que eles não costumam tocar, mas com o andamento das aulas, quando a música começava a ganhar forma, unidas ao canto, o interesse da turma se elevou. Com o decorrer das atividades, o grupo dos alunos que tocavam os violões alcançou rapidamente um bom resultado, o que me permitiu focar o trabalho no grupo das alunas de canto, buscando corrigir afinação e os tempos da música.

A avaliação se deu de forma processual: Senso de compromisso e de desenvolvimento contínuo. Para isso, foram observados o horário de chegada às aulas, o interesse nas atividades e o progresso de apropriação dos arranjos.

Não foi possível seguir o cronograma das aulas exatamente como foi planejado, pelo fato de acontecerem muitos eventos que coincidiram com os dias das aulas. Eventos como, paralizações na Rede Estadual de Ensino, feriados, micareta, palestras e eventos especiais para os alunos no âmbito do colégio. Com o grande intervalo entre as aulas, percebi que os alunos se sentiram um pouco desmotivados no início e isso interferiu bastante no desempenho do que estava sendo realizado. Apesar disso, considero que foi de grande proveito o desenvolvimento do projeto, gerou uma expectativa positiva entre o grupo e despertou o interesse dos alunos na nova experiência de tocar em conjunto. Portanto, apesar de todas essas dificuldades – estrutura, calendário, pouco tempo necessário para a realização da oficina – o resultado final do curso foi bastante satisfatório e a apresentação final foi realizada com sucesso.

CONCLUSÃO

Apesar da nova lei, de obrigatoriedade do ensino de música, percebe-se ainda, em muitas escolas, que a música é vista como uma disciplina de suporte cognitivo para outros componentes curriculares. Cabe a nós, professores de música, quebrarmos esse paradigma e mostrarmos que a música não é para salvar o aprendizado de outras disciplinas ou servir de ferramenta para acalmar os alunos mais enérgicos. Antes, o ensino de música na escola tem o intuito de ensinar e aprender música disciplina de grande complexidade e que necessita, por parte do docente, um alto grau de especialização. Além disso, a música é uma atividade de grande importância sociocultural, cognitiva e histórica.

Considero como ponto positivo o resultado obtido com os alunos participantes, demonstrando interesse pelo que foi feito durante o tempo que estivemos juntos, contemplando o objetivo principal do projeto, que era oportunizar uma proposta de música diferente do cotidiano vivido por eles, juntamente com o desenvolvimento rítmico, socialização com a prática de tocar em grupo e o acesso a diversidade musical. Apesar de axé music ser um gênero baiano, ele não tem muita abrangência com os jovens dessa idade. Nesse sentido, apresentá-lo a esse grupo de jovens foi bastante enriquecedor e pude perceber que o grupo se interessou pelo gênero a proporção que os arranjos foram ganhando forma, os alunos foram

despertando o interesse pelo estilo musical e se envolvendo cada vez mais com o trabalho, modo que, ao contrario do inicio, acabaram gostando do que estavam fazendo.

Na minha situação de educador musical, essa experiência foi muito enriquecedora, ampliou minha experiência em relação ao ensino de música em grupo, além do fato de me preparar para situações inesperadas...

Referências Bibliográficas

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: arte/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p.

OLIVEIRA, Alda de Jesus, A Abordagem Pontes para a Educação Musical: Aprendendo a articular. Jundiaí, Paco Editorial: 2015.

SCHREIBER, Ana Cristina Rissete. Ensino Fundamental: 3º ano música – Curitiba 2010